

GT46: História(s) da(s) Antropologia(s): temas e tendências

Peter Schröder, Erik Petschelies

O interesse pela história da antropologia renovou-se nas últimas décadas, o que não se deve apenas às críticas pós-modernas e pós-coloniais das décadas de 1970 a 1990, e que suscitaram uma autocrítica sobre a autoridade etnográfica e a participação em empreendimentos coloniais, pois dinâmicas próprias desenvolveram-se. Assim, estudos sobre a origem da antropologia e da etnografia, as bases filosóficas de suas epistemologias e a constituição de diversas tradições nacionais com suas genealogias contribuem para um entendimento mais heterogêneo da disciplina, colocando em xeque as narrativas mainstream sobre sua história. Destacam-se ainda os esforços decoloniais de visibilizar biografias silenciadas e superar os efeitos do epistemicídio, isto é, a marginalização dos trabalhos de intelectuais que não se enquadraram em padrões sociais e étnicos predominantes, além da reconstituição das histórias das antropologias não hegemônicas, e pelas relações entre elas e antropologias outrora hegemônicas, como a alemã. Portanto, este GT busca contribuir para as diversas histórias das antropologias no Brasil e em outros contextos nacionais e transnacionais. O painel se situa num campo interdisciplinar, entre história, antropologia e historiografia das ciências, e está aberto a contribuições que enfocam estudos de caso ou das tradições nacionais e transnacionais, estudos biográficos ou arquivísticos, análises de teorias e métodos e reflexões metodológicas em historiografia das antropologias.

Etnologia indígena na Alemanha: das tradições bastianas e boasianas até o cenário atual

Autoria: Peter Schröder

O objetivo deste trabalho é mostrar como se entende a prática acadêmica da etnologia indígena no contexto institucional da antropologia na Alemanha e como as políticas indigenistas dos estados-nação americanos entraram em suas pautas de pesquisa. Na antropologia alemã há uma longa tradição de etnologia indígena que remonta até os inícios da institucionalização da área em espaços museais no século XIX. Na Alemanha, a etnologia indígena não existe com esta denominação, mas suas pesquisas tradicionalmente fazem parte das especializações regionais, ou seja, são expressões dos diversos americanismos etnológicos com suas subdivisões. O Geist das pesquisas etnológicas focalizadas nos indígenas americanos nunca era contribuir, indiretamente, para as ideologias ou políticas do nation-building dos estados-nações americanos, mas geralmente tinha objetivos bastante idealistas, pautados, principalmente, em ideais que podem ser vinculados às tradições que se manifestam nas obras de Bastian e Boas. As políticas indigenistas dos estados-nações americanos inicialmente entraram nos estudos etnográficos alemães apenas como informações complementares, na segunda metade do século XX. A partir dos anos 70, porém, começou uma mudança lenta, mas coerente: a atenção dada às políticas indigenistas nas Américas virou assunto de pesquisas antropológicas e até entrou nas pautas de diálogos entre a antropologia acadêmica e as agências e organizações de cooperação internacional, tirando a etnologia indígena praticada na Alemanha um pouco de sua marginalização nos cenários acadêmicos.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

